

Apresentação

É com imenso prazer que apresentamos mais um volume de África(s), e como de costume, trazendo consigo a diversidade de opiniões, ideias e concepções, expressas nos artigos que compõem este número.

Por mais que tenhamos, cada um de nós, uma ideia que balize a representação do continente africano, e o que ele representa, sabemos que esta visão não é homogênea, e isto se evidencia nas diferentes percepções expostas por africanistas, intelectuais do continente africano e militantes dos movimentos sociais, em especial, das organizações negras.

Nossa intenção, entretanto, consiste em trazer estas diferentes visões, mostrando as mesmas como expressões de campos e que carregam marcas diversas, sejam caracterizadas por acepções ideológicas, experiências empíricas ou pontos de vista assentados em revisões bibliográficas, complementadas por pesquisas de campo e/ou análise de documentos.

Esta é a função de África(s)! Indicar a diversidade e os diferentes pontos de vista.

O primeiro artigo, polêmico e ao mesmo tempo corajoso, mostra os limites entre uma África mítica, que perpassa “corações e mentes de muitos intelectuais, e aquela que existe em sua diversidade, do outro lado do Atlântico. O autor, Ivaldo Marciano, reivindica de forma ousada a desracialização para melhor compreender o continente em sua plenitude. Faz esta discussão a partir da exposição dos programas das disciplinas por ele ministradas. Terá ele razão?

O segundo artigo traz uma bela experiência sobre as experiências relacionadas com a infância em Moçambique. As autoras mostram, a partir de pesquisa de campo, algumas visões subjacentes à ideia dos significados de ser criança em um país do con-

tinente africano. Isto consolida nossa feição interdisciplinar e expõe outra possibilidade de entender as muitas Áfricas que existem em uma só.

O terceiro artigo traz uma visão de um angolano sobre seu país, numa brilhante revisão bibliográfica e análise de posições expressas em documentos. Antônio Bumba mostra como se construiu as políticas educacionais angolanas em meio ao contexto de construção do Estado.

Abrindo a seção dos artigos sobre os negros brasileiros, Moiseis Sampaio traz instigante história sobre um coronel “negro” e que nasceu sem grandes riquezas. Seu avô, conforme aponta o autor, chegou ao nosso país na condição de escravo.

Roberto Motta mostra uma experiência íntima, de um pesquisador que se submeteu a feitura de um sacrifício, em meio ao intrincado e complexo jogo de interesses existentes entre nativo e pesquisador. Como de costume, Motta expõe de forma brilhante um registro etnográfico da religião dos orixás, intitulado Xangô, na bela capital pernambucana. O que há entre esta religião e o continente africano? Bem, o autor não reivindica, necessariamente, liames entre ambos, mas apresenta como significativa quantidade de homens e mulheres acreditam nesta religião como extensão de uma África una, homogênea e mítica.

Em outro belo artigo, Isabel Guillen enceta questões sobre militantes negros pernambucanos e seus discursos em torno da ideia de ancestralidade. Isabel descortina mentes (e corações) para indicar como a reivindicação de ancestrais é estruturante para este movimento social em particular.

Mateus Serva apresenta um interessante contexto, em que quilombolas e trabalhadores são mostrados como sujeitos em ação,

a partir de uma trajetória de um dito líder quilombola. As disputas por terra, trabalho e espaços pode nos trazer as luzes dos tempos imediatamente posteriores à abolição da escravatura.

Em outro polêmico artigo, Julio Cláudio e João Marinho nos mostram a existência de negros na Amazonia, a partir das memórias de homens e mulheres que se reivindicam quilombolas ou descendentes destes.

E por fim, Josivaldo Pires e Michelle Caroline encetam questões relacionadas ao discurso médico e de como este foi utiliza-

do via jornais impressos no interior baiano. Como sempre, ao que parece, os médicos viam nos sacerdotes das religiões ameaças ao seu mercado.

Eis, portanto, um breve esboço do que o leitor poderá encontrar em nossas páginas. Apenas desejamos uma boa leitura e reafirmamos nosso compromisso com a construção dos Estudos Africanos e áreas afins, sempre expressos em artigos de boa qualidade.

Os editores.